SEMBER 3

"Cabe à juventude fazer renascer o anarquismo dentro do marxismo"

Completamente cercado por reporteres, fotografos e admiradores Jean Paul Sartre concedeu, ontem á tarde, no Hotel Excelsior, uma entrevista á imprensa. Além dos jornalistas, compareceram numerosos jovens que queriam saber o que o filosofo, romancista e teatrologo pensa a respeito de problemas atuais. Não foram feitas perguntas de interesse estetico, apenas questões politicas e de atualidade foram apresentadas: o destino da esquerda, a posição da juventude diante da alternativa de escolher entre a direita ou a esquerda, a revolução de Cuba e o caminho do filosofo para chegar do existencialismo ao marxismo.

P — No prefacio ao livro de Paul Nizan, escrevestes que nada mais havia para dizer á juventude francesa, aos 55 anos de idade. Na America do Sul, onde sois tão admirado, é dificil compreender tal posição. Como a explicais?

R — Não é bem isso. Deve-se compreender o fato de que a juventude francesa sofre por 15 anos os erros, que provêm dos erros que nós cometemos de 45 a 60. Em minha opinião, a juventude francesa de hoje, da ultima geração, começa a compreender esse fato e ela vai assumir a responsabilidade. Se neste momento ela quiser encontrar entre nós, velhos, alguns homens com quem falar, muito bom. Mas nós, em virtude dos nossos erros nada lhes podemos dizer. Nós representamos um periodo reformista e no reformismo eu incluo todos os partidos, inclusive os revolucionarios. A juventude francesa de hoje não é mais reformista; ela se encontra numa situação de violencia e, somente a violencia poderá tirá-la da situação em que se encontra. Portanto, cabe a ela tirar as conclusões. Depois, nós nos aproximaremos dela.

P — Qual a vossa opinião sobre a atitude dos jovens "refratarios" á guerra da Argelia?

R — E' uma atitude que aprovo inteiramente, pois que a guerra argelina é uma ruina para a França, que ela representa a traição de uma parte da nação — a menor parte — contra a outra; achamo-nos atualmente numa situação de violencia. Por outro lado, o simples fato de fazer destes jovens soldados que irão matar ou serem mortos é uma violencia que contra eles se exerce; por isso eu penso que os que tiram conclusões sobre este estado de violencia e tomam uma atitude revolucionaria, ou seja, a recusa de se submeter, estão inteiramente justificados.

P — Qual é vossa posição em relação ao existencialismo e ao marxismo?

R — Como já disse varias vezes, sou marxista. Por isso, entendo que nenhum pensamento sobre o homem pode desenvolver-se, senão a partir de condições materiais da vida: em segundo lugar, entendo que este pensamento deve ser dialetico e não analitico ou mecanicista. Mas, o marxismo, que é uma doutrina pratica e uma doutrina de combate, deixou aberto um grande numero de campos. Entre estes dominios, existe um terreno privilegiado para nós, no qual podemos realizar a filosofia da existencia, particularmente o problema da liberdade e do possivel.

P — O marxismo dá liberdade ao homem?

R — O marxismo não dá mais liberdade ao homem do que qualquer outra teoria. Sabeis que a liberdade não se dá. Nós que a tomamos. Ela existe, e nós estamos falando da teoria. A luta do marxismo para construir uma sociedade na qual o homem não seja mais o produto de seu produto é a condição verdadeira para a liberdade. Mas é evidente que quando falo do existencialismo, quero somente dizer que nesta perspectiva há problemas filosoficos que não podem ser tratados aqui.

P — Quereis dizer que o marxismo não é uma teoria?

R — O marxismo representa a grande revolução filosofica do seculo XIX. Eu não falo aqui de sua doutrina social, mas de uma revolução filosofica. A partir do marxismo, compreendeu-se que a filosofia era pratica, isto é, que era impossivel conceber de um lado uma ideologia e de outra lado uma ação; ou que, se por acaso se encontrasse um filosofo que tivesse de um lado uma ideologia e de outro lado explicasse sua ação pelo seu carater, pela sua coragem, pela sua tenacidade, este filosofo seria um irresponsavel, pois a filosofia deve condicionar a ação.

P — A teoria Nietzsche teria alguma influencia no existencialismo?

R — Sim, no que concerne a certo tipo de filosofia da existencia. Mas, no que toca ao que chamamos o existencialismo francês, nenhuma. A meu ver, Nietzsche é um grande poeta, mas não o considero um filosofo.

P — Qual é vossa opinião sobre André Malraux antes e após sua ligação com o governo de Gaulle?

R — Há uma peça de teatro de Molière na qual se encontram dois escritores que têm entre si uma disputa. Um se chama Vadius e outro Trissotin; ambos fazem todo mundo rir. Eu não tenho a intenção de fazer ninguém rir nem de Malraux, nem de mim, ao responder. Se tenho alguma coisa a dizer sobre Malraux é somente sobre o governo francês que poderia fazê-lo.

P — Tinheis previsto a revolução cubana quando escrevestes "A engrenagem"?

R — Não. Mas é evidente que eu pensava nos paises subdesenvolvidos, que já naquele tempo estavam na ordem do dia, e que pensava efetivamente naquelas falsas revoluções que se fazem, por assim dizer, contra os governantes, mas que deixa intacto o grave problema do imperialismo, e que por consequencia obriga a fazer a revolução contra a revolução e a percorrer de novo o mesmo caminho percorrido pela primeira vez.

P — Em vossa reportagem sobre Cuba, quisestes falar sobre a revolução ou sobre vós?

R — Na minha opinião, falei de Cuba, pois lá permaneci muito tempo e falei sobre Cuba.

P — Falando sobre direita e esquerda, achais que a URSS está presentemente representando a esquerda?

R — Sim, penso que a esquerda se define pelo problema crucial de libertar o homem da fome, e, por outro lado, da contingencia da produção e da exploração. Quaisquer que sejam os erros que foram cometidos na União Sovietica — e Deus sabe quantos houve — atualmente encontramo-nos numa situação, cuja base é uma democratização que demorou muito tempo para se verificar e que colocou o operario e o homem do campo num nivel muito superior ao que poderia ser o homem russo há trinta anos. Nessas condições, quaisquer que sejam certos imperativos sobre politica, os quais eu nem sempre subscrevo, considero que a URSS representa a esquerda, porque enquanto nos outros paises a esquerda fala, na Russia, apesar dos seus erros, ela agiu.

P — Acreditais que a esquerda possa transformar-se em direita no decorrer da luta politica?

R — Não. Penso que alguns homens podem passar da esquerda para a direita, mas para melhor falar de tudo isso preciso definir o que entendemos por esquerda.

Quando se trata, realmente, do interesse concreto de uma totalidade que constitui o povo, temos uma esquerda; quando temos de considerar, ao contrario, problemas parciais, por exemplo, os da uma minoria, qualquer que seja, estamos diante de uma posição de direita.

Ao contrario, uma esquerda não pode se transformar em direita ou, mais exatamente, se alguns homens de esquerda se voltam para a direita, haverá outros homens para formar a esquerda.

P — Todo regime de esquerda implica totalitarismo?

R — De inicio, devo dizer que a palavra totalitarismo revela o espirito da pergunta. Mas, respondamos. O problema não está aqui. O problema é saber se precisamos de uma direção firme e que nunca seja posta em duvida quando se trata de passar de um certo estado, como por exemplo em Cuba, estado agricola e colonial, para um Estado de independencia e de industrialização, podemos recuperar o tempo perdido somente pelo simples processo da democracia de representação. Na minha opinião a resposta está na pergunta: não. Porque as assembléias não permitem isso, elas existem para discutir, para atrasar, para deter um desenvolvimento e para o criticar. Ela pode ter suas razões de ser quando o atraso não é demasiado grande, como por exemplo, no caso de Cuba, que tem 50 anos de atraso para recuperar.

Quando, como no inicio da revolução russa, está-se cercado por paises capitalistas e diante de um país agricola com apenas alguns elementos industriais, nesse momento, para atender ao mais urgente, é preciso uma direção firme. Mas, direção firme e totalitarismo são duas coisas diferentes. Totalitarismo significa condicionamento do homem até as mais profundas e intimas regiões do pensamento e até suas mais intimas atividades. Direção firme significa não discutir, não deixar discutir por algum tempo. Não se deve esquecer que democracia, no momento, não é senão um jogo de gangorra e um meio de atrasar, que não é susceptivel de criar e favorecer uma ação que se desenvolve, e que ela não constitui o uso da liberdade. Vocês têm três candidatos na direção do País. Por que três? Por que não quatro, dez? Foram-lhes impostos três e vocês deverão escolher entre eles. Se fossemos hostis a este sistema poderiamos dizer que isso é totalitarismo, totalitarismo — digamos — dos três. Na verdade, nenhum país pode escolher realmente. A questão resume-se num problema de peso e contrapeso. No caso de Fidel Castro, em Cuba, não há totalitarismo dum lado e, por outro, há uma escolha justificada e profunda do país que escolheu um homem na sua situação.

P — Devemos escolher entre a URSS e os Estados Unidos?

R — Não. Precisamente, devemos criar um movimento para acabar com os blocos. Já que se escolhe, escolha-se um bloco. Desde que escolhemos um bloco, somos responsaveis pela guerra. Porque não se trata mais de um equilibrio entre os dois, porque no interior de um bloco, quando vos recusais a fazer parte, fazeis um ato de paz. O que há de notavel, para tomarmos o exemplo de Cuba, é que no interior de um bloco, constrangida por necessidades historicas durante muito tempo, ameaçada também por razões geograficas, em vista de sua proximidade dos Estados Unidos, soube libertar-se deste bloco, não para ir — como lhe censuram ingenuamente hoje — para o outro bloco, o que não teria sentido, mas na realidade, para se tornar soberana. E' o que se chama um ato de paz.

Este exemplo, se pudesse ser seguido por nós, na Europa, poderia ter a maior importancia. Aliás, existe um caso anterior a Cuba, quando vimos um elemento de um bloco sair dele — a Iugoslavia — e neste caso também constituiu-se num fator de paz.

P — Existiria um desacordo entre a URSS e a China Popular?

R — Não sei. Não sou adivinho. Sei somente que o sistema das comunas chinesas, como está descrito, é diferente da maneira pela qual os russos entenderam a coletivização e o socialismo, mas esta diferença não permite supor que haja um conflito entre os dois paises. Trata-se, se quiserem, de um caminho diferente, o caminho chinês para o socialismo. De resto, dizia-se na França que tivemos uma jornalista que ficava debaixo da mesa quando os grandes do mundo se encontravam. Eu não tive a sorte de encontrar-me sob a mesa quando Kruchev e Mao-Tse-Tung se encontraram.

P — O futuro do socialismo estaria já não na Europa mas nos paises subdesenvolvidos, como mostra o exemplo da Africa e da America?

R — A sua pergunta é até certo ponto uma profecia. Isto eu não poderia fazer. Direi apenas que hoje em dia a Europa é objeto da historia. Isto é: ela não faz a historia, mas a obedece e que o momento historico mais importante é certamente o da descolonização e, ao mesmo tempo, do nacionalismo dos paises subdesenvolvidos. Penso que isso se faz e somente pode ser feito numa atmosfera vizinha á revolução socialista.

Quanto ao que virá em seguida, eu não sei. O certo é que todo homem de esquerda, progressista, não pode estar senão ao lado do movimento dos paises subdesenvolvidos e que a unica maneira de a Europa retomar sua ação é reconhecer o fato que ainda não quis reconhecer. De modo particular, a França, quando afinal entender que se deve libertar de sua guerra da Argelia, aceitando o fato da independencia argelina, ela poderá reencontrar através de seus proprios problemas o papel de sujeito da historia que deve ter como qualquer outra nação.

P — O nacionalismo dos paises subdesenvolvidos pode ser um internacionalismo de esquerda?

R — Sim, mas não na primeira fase. A primeira é evidentemente uma fase que está definida pela luta contra o imperialismo, que faz de cada um destes paises aquilo que se chamou em Cuba uma revolução de contragolpe. Os cubanos me diziam muitas vezes que "somos acusados de ser marxistas e de não sê-lo", mas o senhor deve levar em conta que estamos fazendo uma revolução de contragolpe. Não temos a possibilidade de forjar uma ideologia marxista porque as medidas, que nós tomamos, são ditadas em principio por um adversario mais forte e contra o qual temos de nos defender. Assim, de inicio, a luta é contra o imperialismo e o exito desta luta depende da solidariedade de todos os paises. E' evidente que este nacionalismo só tornaria um nacionalismo consquistador se não for acompanhado da solidariedade de todos os paises subdesenvolvidos.

A transformação do nacionalismo em internacionalismo é obrigatoria. Quando os paises subdesenvolvidos tiverem resolvido o problema do imperialismo, encontrar-se-ão com graves dificuldades economicas. Não bastará, infelizmente, rejeitar o imperialismo para ver terminadas as dificuldades economicas e neste momento a unica possibilidade de constituir um mundo economico, para eles, é unindo-se, formando uma especie de mercado comum ou alguma forma de organização que seja economica, que implique naturalmente uma solidariedade total destes paises.

A Europa está numa situação curiosa. Ela deve internacionalizar-se para ajudar o nacionalismo dos paises que ela colonizou. Ela deve reencontrar o espirito internacionalista de antes de 1914, que caracterizou o partido socialista.

P — Acreditastes na revolução hungara como nacionalista?

R — Resumindo meu pensamento sobre este assunto, direi que a revolução hungara era uma revolução socialista e comunista; certamente com alguns elementos estrangeiros. A URSS encontrou-se diante de uma situação de fato que a obrigou a cometer uma falta imperdoavel, que foi a intervençço militar contra um povo socialista. Entretanto, não aceito a idéia de que a revolução hungara tivesse sido totalmente fomentada pelos estrangeiros nem a idéia que dentro da revolução hungara a burocracia russa quisesse destruir os conselhos operarios. Ambas as idéias parecemme igualmente falsas. Na minha opinião houve panico de certos elementos stalinistas que existiam ainda na URSS, com a idéia de que a Europa Oriental estava na iminencia da desintegrar-se. Quanto á revolução em si, não era nacionalista. Era comunista, no sentido que muitos dos seus chefes eram comunistas.

P — Poderá haver outra ideologia que suceda ao marxismo?

R — Nas condições atuais não, enquanto perdurarem as condições que criaram esta ideologia.

P — Então como poderia evoluir o marxismo?

R — Julgo que nosso papel e o papel da juventude é o de fazer renascer dentro do marxismo o anarquismo, isto é, dentro do marxismo uma força de liberdade e de critica que seja acompanhada de uma disciplina dentro do partido. Já tivemos um ou outro. Agora precisamos dos dois. Ambos constituem uma contradição, mas uma contradição que é necessario viver. E' preciso fazer renascer uma especie de inflexibilidade anarquista. No coração da disciplina marxista, os dois são necessarios. E' a unica maneira de fazer renascer a critica, que é indispensavel para uma revolução em marcha. Durante muito tempo, a critica foi abandonada por razões praticas, mas precisa ser reencontrada.

Mas, falar em critica é como ignorar que a filosofia não é critica e não é pratica. A critica não é suficiente, é preciso ser um homem critico, isto é, ter a coragem de criticar, ter os principios da critica. Para ter os principios da critica, é preciso amar antes de tudo a liberdade. Ser o homem da liberdade, mas sê-lo ali, no lugar onde o movimento popular e o movimento economico criam a liberdade, quer dizer, dentro do movimento marxista. Penso que é isso que haveremos de ver nos dias atuais.

Entretanto, o anarquismo não é uma doutrina que possa por si mesma dar conta dos fatos. O anarquismo que parte da idéia do perecimento imediato do Estado não tem nenhum sentido, quando se trata, por exemplo, dos paises subdesenvolvidos que precisam de um governo forte para anular o seu atraso. Daí, concluimos que existe um enorme progresso do marxismo em relação ao anarquismo. A morte progressiva do Estado é uma excelente teoria, ao passo que a supressão imediata do Estado é uma idéia ingenua. Mas, este perecimento progressivo é necessario realizá-lo.

E' isto o que eu chamo o anarquismo no coração do marxismo; ajudando o Estado a ser o que ele deve ser, dá-se-lhe a oportunidade de ser o instrumento de seu proprio perecimento. O homem critico, no seio do marxismo é necessariamente anarquista, porque o que ele quer é realmente o perecimento do Estado. Creio que os paises subdesenvolvidos dão uma idéia bastante exata desta posição; verifico, por exemplo, em Cuba, um pensamento que ainda não está seguro de si proprio, mas que se orienta nesse sentido. Esta idéia de um dirigismo que quer criticar-se e que não aceita ser um totalitarismo e sempre quer ser colocado em duvida, é uma idéia que procede certamente antes das tradições espanholas do que de um marxismo que teria sido importado. A meu ver, existe um elemento anarquista na revolução cubana, mas é um elemento e não um movimento. Lembro que houve também muitos anarquistas espanhois sobreviventes da guerra civil de Franco que vieram para Cuba e que influiram muito no governo.

P — Haveria pontos de identidade entre determinadas situações cubanas e brasileiras?

R — Não creio. O problema de Cuba é o da terra e o do camponês, o qual lá foi resolvido mais facilmente, enquanto vocês ainda não o resolveram. Vocês têm diversos projetos de reforma agraria, mas é preciso executá-los.

P — O degaullismo durará?

R — O degaullismo quer apresentar-se como um arbitro mas não passa de um véu sob o qual se enfrentam a direita e a esquerda. Acredito que a solução do problema da Argelia poderá somente resolver-se num conflito entre essas tendencias. No inicio, será a direita que vencerá, porque a esquerda ainda não se acha preparada.

P — Que é o existencialismo?

R — E' uma filosofia aberta, sem dogmas, que não é perene nem pode ser um sistema. E' uma filosofia aberta á experiencia humana.

P — Escolhestes a esquerda em consequencia de vosso pensamento filosofico?

R — Desde Marx, a filosofia "comprometo" um pouco o homem. O existencialismo é necessariamente para mim uma via de acesso para o socialismo.

Concluindo, Sartre afirmou: "O desenvolvimento industrial do mundo apresenta questões que somente a tomada de responsabilidade do homem pelo proprio homem pode resolver. A economia deve ser levada em conta pelo homem e não deixada ao capricho das estatisticas; isto implica necessariamente numa realização da esquerda no mundo. O mundo será socialista, o que significa dizer que o homem será senhor de sua economia.

Dialogo na televisão

Jean Paul Sartre e Simone du Beauvoir participaram ontem á noite de programa de televisão realizado no Teatro de Cultura Artistica perante grande assistencia. A perguntas formuladas por professores universitarios convidados pelo C. A. Pereira Barreto — entidade que patrocina a estada dos intelectuais franceses em São Paulo, Sartre respondeu com afirmações como as que se seguem, em sintese:

— O problema da Argelia exerce papel preponderante na politização da juventude francesa.

— A juventude dos paises subdesenvolvidos constitui o grupo da popução mais preocupado com o desenvolvimento, pois é o que mais sofre diante da saturação das oportunidades existentes de trabalho e de vida.

— E' calunia dizer-se que a Revolução cubana é comunista. A alegação de que Fidel Castro comercia com paises do mundo comunista apenas prova a vontade de soberania de que está imbuido o movimento.

— A revolução cubana não é caminho para a guerra: é um passo no sentido da desagregação de um dos blocos armados para ela.

— Os paises latino-americanos acertaram ao recusar as propostas para democratização da Republica Dominicana, apresentadas na Organização das Nações Unidas, pois a democratização desse país abriria campo para novas propostas, visando á intervenção nos negocios internos de Cuba.

— Cuba deve ser considerada como exemplo de tomada de posição, de consciencia de soberania nacional, e de luta contra o imperialismo.

— O regime atual de governo em Cuba está longe de ser ditadura. Existem regimes democraticos sem a forma externa de democracia parlamentar; como existem regimes autoritarios que pretendem ser democracias parlamentares. O governo em Cuba é do povo. E as armas estão com ele, nas milicias, para, em qualquer hipotese, assegurar essa condição. (Estas afirmações são de Simone du Beauvoir).

— Atitude de esquerda não implica necessariamente em atitude marxista.

— O nacionalismo é caminho para o internacionalismo.

Cantor dinamarquês no Rio de Janeiro

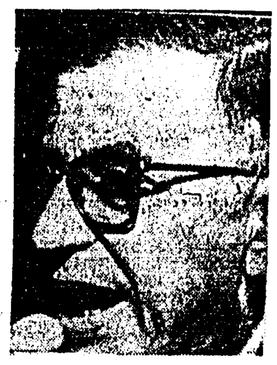
RIO, 2 ("Estado") — Desembarcou hoje, no aeroporto Internacional do Galeão o cantor dinamarquês Georges Ulmer, que veio acompanhado do seu pianista Armand Albert Mota. Realizará uma temporada de 7 dias no Brasil, apresentando-se no dia 5 no Copacabana Palace e no dia 8 na televisão. Após a sua temporada no Rio seguirá para Buenos Aires, onde vai estrear no canal n. 3 da televisão argentina.

Debate sobre filme

Sob os auspicios do Centro Dom Vital, realiza-se no dia 6, ás 18 e 30, na rua Barão de Itapetininga, 255, 7.o andar, conjunto 712, um debate sobre o filme "Eu enterro os vivos", de Albert Band. Entrada franca.

Curso de ceramica

A Associação Paulista de Belas-Artes abriu as matriculas para o curso de Técnica em Ceramica, as quais poderão ser feitas das 9 ás 21 horas, diariamente, á rua Conselheiro Crispiniano, 53, 13.o andar, tel.: 32-5701.



Sartre sorriu poucas vezes durante a entrevista coletiva, respondendo as perguntas de jovens e de jornalistas e admiradores; frequentemente, crispa-se ao pronunciar as palavras, fuma continuamente e fita o interlocutor.

Sartre em S. Paulo: ontem ao meio-dia

Jean Paul Sartre e Simone du Beauvoir, acompanhados de Jorge Amado, desembarcaram em Congonhas ás 12 horas. Foram imediatamente envolvidos por estudantes e jornalistas, e, a custo, apenas 20 minutos depois, conseguiram deixar o aeroporto, seguindo para o Hotel Excelsior.

As tonicas da recepção aos intelectuais franceses foram uma faixa e vivas exaltando o movimento revolucionario cubano, atribuidos ao "Comitê de Solidariedade a Cuba". Os vivas repetiam o "slogan" "Cuba si, ianques no" e a faixa dizia: "O povo de São Paulo sauda em Sartre o defensor da revolução cubana".

Uma palestra, pronunciada á noite no Teatro de Cultura Artistica e uma entrevista de 60 minutos à imprensa, realizada horas antes, foram as principais atividades do escritor e filosofo francês Jean Paul Sartre, que desde as 12 horas de ontem se encontra em São Paulo, em companhia de Simone de Beauvoir.

Como já acontecera em outras cidades que o casal visitou, nenhum representante do consulado francês esteve presente á chegada.

Do aeroporto, Sartre e Simone de Beauvoir, que vêm a São Paulo como convidados dos alunos da Escola Paulista de Medicina, dirigiram-se diretamente para o hotel, onde, ás 17 horas, o filosofo concedeu uma entrevista aos jornais, em que falou durante uma hora sobre mais de dez temas.

A noite, perante assistencia que lotou a plateia do Teatro de Cultura Artistica, Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir responderam a perguntas que lhes foram apresentadas por professores da Universidade de São Paulo e por alunos da Escola Paulista de Medicina. Ao final da palestra, o escritor foi aplaudido com entusiasmo pelo publico, durante varios minutos.

Hoje, o casal visitará uma fazenda, em Louveira, e amanhã, em Araraquara. Sartre proferirá uma conferencia, ás 10 horas, na Faculdade de Filosofia local e tomará parte em debate publico, marcado para as 14 horas no Teatro Municipal.

Novamente em São Paulo, o escritor fará outra conferencia, ás 21 horas de segunda-feira, no Teatro João Caetano sobre: "O Colonialismo no Mundo Atual".

Terça-feira, tarde de autografos na Livraria Francesa; quarta-feira, encontro com atores e diretores de teatro; quinta-feira, à noite, conferencia sobre problemas de literatura e filosofia, no auditorio da Universidade Mackenzie.

Simone de Beauvoir pronunciará por sua vez uma conferencia, na quarta-feira, na Faculdade de Filosofia da USP.

O casal deixará São Paulo no dia 9, quando ambos viajarão para Porto Alegre.

"Brasil: a mais completa democracia do Ocidente é uma ditadura de 10 milhões"

"Aos meus olhos o Brasil é a mais completa democracia do Ocidente e é, ao mesmo tempo, uma ditadura de 10 milhões de pessoas que vivem nas cidades, aproveitando-se do extraordinario desenvolvimento industrial, sobre 60 milhões de pessoas que vivem no Interior, na mais absoluta miseria".

Esta opinião sobre o Brasil foi externada por Jean Paul Sartre, durante a entrevista exclusiva que concedeu ao "Estado", a bordo do Convair em que viajou ontem do Rio para São Paulo, em companhia de Simonne de Beauvoir e do romancista Jorge Amado.

COSTA RICA E CUBA

Fumando permanentemente uma cigarrilha, Sartre dispôs-se a responder ás perguntas do reporter e a primeira se referia aos resultados da recente reunião de chanceleres americanos em Costa Rica. Eis sua resposta:

"A decisão da VI Conferencia da OEA, que se refere á Republica Dominicana, manifesta seguramente o desejo de cada país latino-americano de conservar sua soberania nacional contra todas as especies de intervencionismo e, por conseguinte, contra todas as formas, mesmo mascaradas, de imperialismo. O governo de Trujillo e os atos que se criticavam a este governo são deploraveis. Mas se a proposito de acontecimentos deploraveis se imiscuisse o intervencionismo, a porta estaria aberta a intervenções que nada justificassem. Eis por que o primeiro julgamento foi sabio. Pareceu-me lastimavel que na VII Conferencia a resolução tivesse carater mais ou menos vago. E' pena que não se tenha compreendido que Cuba, longe de querer separar-se dos Estados Unidos para integrar outro bloco, combatia realmente por sua soberania nacional, coisa que a OEA havia reconhecido, ela propria, com a primeira resolução sobre a Republica Dominicana".

SOLIDARIEDADE

"No entanto — prosseguiu Sartre — no seu conjunto, a Conferencia marca um progresso no sentido da independencia dos paises latino-americanos, em relação ás potencias estrangeiras. O segundo passo deve ser a solidariedade entre os paises latino-americanos".

"Cuba — disse mais adiante — conservou sua independencia por sua propria tenacidade e vontade. Pode resistir bem á pressão de um bloco, mesmo se houver intervenção armada, graças á fé revolucionaria de seu povo. Mas o fato revolucionario cubano é muito mais importante ainda que a simples defesa interior da ilha. Representa a primeira tentativa de uma nação latino-americana de recusar a politica de bloco e formar sua total independencia. Nesse sentido, para que a revolução cubana assuma toda a sua significação, é necessario que toda a America Latina a considere como o "caminho cubano" para sua independencia. Em consequencia, sua plena realização implica na completa solidariedade de todos os paises latino-americanos. Isso não quer dizer que cada nação não deva encontrar seu proprio caminho. Isso quer dizer que Cuba é o ponto de partida e que pela primeira vez o problema da solidariedade total dos paises da America Latina contra o imperialismo norte-americano se coloca. E' por isso que a resolução da OEA permanece, apesar de tudo, insatisfatoria".

LIBERDADE DE IMPRENSA

O reporter perguntou se a supressão da imprensa de oposição em Cuba não constituí um elemento prejudicial á marcha da revolução cubana, eliminando os meios de vigiar e criticar os defeitos, erros e excessos do poder governamental.

"A questão está mal colocada — criticou Sartre — e assim como está faria supor que o "Diario de la Mariña", o mais velho e mais reacionario jornal cubano, fazia suas criticas para ajudar a revolução. Suprimir um jornal que faz criticas construtivas é um erro mas suprimir outro que está em luta aberta contra o trabalho do governo pode ser, ao contrario, a marca de uma nova liberdade de imprensa".

E Sartre passou a explicar essa definição dizendo que, enquanto os jornais impiedosamente inimigos da revolução deformavam deliberadamente os fatos, indo buscar nas colunas dos jornais revolucionarios as criticas que os revolucionarios se faziam, era dever dos jornalistas revolucionarios absterem-se de criticar a revolução. Assim, a partir do momento em que todos os jornais cubanos representem o movimento popular, uma nova critica pode nascer, critica positiva, feita pela revolução a si mesma.

"Nas minhas conversas com os membros do governo cubano, há alguns meses — continua Sartre — adquiri a certeza de que o governo busca intensificar a critica positiva por todos os meios. A supressão dos jornais reacionarios significa a conquista, pela imprensa revolucionaria, do direito da livre critica da revolução".

BRASIL: CONTRADIÇÕES

Em seguida Sartre passou a falar do Brasil, desculpando-se por não firmar, agora, opiniões que poderiam ser superficiais e provisorias.

"Conheço muito pouco, ainda, de seu País. Não vi mais que três grandes cidades e um pouco do Interior. Ainda tenho que ver, no que se refere ao desenvolvimento industrial, sua cidade mais importante, São Paulo. Mas duas coisas marcam minhas impressões: de um lado a miseria do campo e de outro, o extraordinario desenvolvimento industrial. Para mim está aí, ao mesmo tempo, a caracteristica mais marcante e a contradição mais essencial. Parece-me, tendo em vista o que já pude observar, que se encontram no Brasil duas especies de homens: uns que são reformistas, os que se beneficiam com o avanço industrial, e outros que se encontram numa situação radical, os que vivem no campo, numa situação feudal, que não têm direito á cultura, que nem mesmo gozam do direito de votar. Isso não quer dizer que entre os partidos, mesmo entre os partidos operarios, assim como entre os camponeses, haja compreensão dessa situação. Isso significa somente uma dificuldade profunda, para a compreensão entre os homens nacionalistas, de esquerda, deste País. Duas coisas chocam realmente: primeiro uma unidade de pontos de vista que venho encontrando desde Recife e que, possivelmente, encontrarei em São Paulo — este País conhece sua força, sua originalidade, sua democracia racial e reivindica sua plena independencia e sua plena personalidade. Desse ponto de vista, a impressão que causa a um francês é que todo mundo no Brasil é de esquerda. Depois, quando se desce até o fundo das coisas, vê-se que há uma grande diferença entre os homens, dependendo de como eles olham uma realização do mundo brasileiro, etapa por etapa, ou quando eles pensam que alguma coisa deve ser rompida. Aos meus olhos o Brasil é, ao mesmo tempo, a mais completa democracia do Ocidente, já que, por exemplo, uma universidade pode convidar um escritor estrangeiro e deixá-lo com liberdade completa de pensamento. E, ao mesmo tempo, o Brasil é a ditadura de 10 milhões de homens sôbre 60 milhões. E' a situação extraordinaria que está em movimento, que faz com que o Brasil de hoje seja tão profundamente apaixonante. O Brasil é realmente o País em que a Historia se faz no momento atual. E dependendo da solução que será encontrada, este País pode ter influencia consideravel sôbre a historia da humanidade".

MARXISMO E EXISTENCIALISMO

O avião já voava sôbre S. Paulo quando Sartre toca outro assunto:

"Nenhuma incompatibilidade existe entre o marxismo e o existencialismo — disse — pois eu mesmo me considero um marxista. Isso quer dizer que considero que é impossivel tratar uma questão, seja ela qual fôr, relativa ao homem, sem partir de considerações de ordem material. De outra parte, o metodo dialetico é o unico que permite resolver os problemas colocados atualmente no mundo".

E Sartre concluiu fazendo a ressalva:

"Existem, apenas, regiões do marxismo que permaneceram paralisadas, porque o marxismo é, ao mesmo tempo, uma ideologia pratica e isso faz com que desenvolva, sobretudo, aqueles aspectos cujo desenvolvimento a necessidade impõe, deixando outros de lado. Em relação a esses outros aspectos é que se encontra o campo de trabalho da filosofia existencialista".

Sartre falou uma hora em tom didatico

Trinta pessoas aglomeradas em torno de uma mesa. Sentado á cabeceira, um homem, baixo, estrabico, nos dedos uma cigarrilha que se apaga instante a instante, a voz clara, sem inflexões exageradas, a gesticulação natural, responde durante uma hora a pergunta de toda a especie. Serio, parece evitar os ditos ironicos, a anedota, mas sorri duas ou três vezes. Ignora o acender dos "flashes", os microfones que lhe são quase enfiados em pleno rosto e as conversas proximas.

Jean Paul Sartre falou ontem á tarde á imprensa, mas o numero de curiosos, na maioria estudantes, era superior ao de reporteres. Entrou no salão dez minutos depois da hora marcada, apertou a mão de dois ou três admiradores, foi levado a um sofá, sentou-se, rodearam-no, levantou-se, tornou a sentar-se á cabeceira da mesa, convidou os outros a fazerem o mesmo, acendeu uma cigarrilha, olhou em volta e esperou.

As perguntas se sucederam. Os temas: juventude francesa, Argelia, Cuba, comunismo, Malraux, Estados Unidos, guerra, Nietsche, existencialismo, luta de classes, dialetica, Brasil. As respostas vinham prontas, mas sem pressa, compridas, mas inteligiveis, como uma aula de um professor consciente e atento, lucido e honesto.

Enquanto fala, encará firmemente o interlocutor, através dos oculos, e ao terminar, concentra-se na tarefa de reacender a cigarrilha.

Ao contrario de Malraux, que deixou impressão pela riqueza dos gestos e pela teatralidade da voz, em Jean Paul Sartre nada há, á primeira vista, que o distinga do individuo comum, nada que o identifique, fisicamente, com o escritor, com o corajoso homem de ação, com um dos mais discutidos homens do nosso tempo.

Passados quinze minutos, a entrevista transforma-se numa conversa, em tom apenas audivel, entre o pensador e dois ou três interlocutores. Os demais ouvem. Alguém esboça uma pergunta, mas logo desiste. O ambiente é calmo, oposto áquele que geralmente se forma em tais ocasiões. Ninguém precisa gritar para ser entendido e, felizmente, ninguém pergunta ao entrevistado o que achou de São Paulo.

A's 18 e 10, a entrevista termina. Mas o escritor é reconduzido ao sofá inicial, onde quatro radio-reporteres o aguardavam, microfones em punho. Senta-se. Desta vez é preciso um interprete, e por meio dele é que fazem a primeira pergunta. Sobre a "teoria do existencialismo", Sartre responde. O interprete traduz. Notam que os gravadores não funcionam. Pausa. Consertam-se os gravadores. Repetem a pergunta. Sartre diz novamente que "não existe teoria do existencialismo". Novamente, o interprete traduz. Mais três questões são formuladas e o filosofo se levanta.

No caminho até o elevador, despede-se de alguns. Simone de Beauvies, discreta, conversa com amigos, enquanto o espera. Uma senhora aborda o escritor e com ele pretende iniciar uma discussão sobre um problema religioso. Sartre responde, cordato, enquanto a interlocutora sacode a cabeça, como quem discorda.

De repente, esbaforido, surge outro radio-reporter que se atrasara. Aos gritos pede uma declaração. Impassivel, Sartre espera que surja o microfone, que se liguem as tomadas. Enfim, a pergunta: "Acredita no exito da Revolução Cubana?" A resposta vem, mas tem de ser repetida e traduzida. O microfone não funcionara. Risos. Sartre retira-se enquanto o reporter queixa-se de que a entrevista estava estragada.

S. Paulo recebe Sartre e Simone

De Recife até São Paulo, a caminhada percorrida pelos dois intelectuais franceses resultou num conhecimento e numa tomada de posições que se consubstanciaram em varias declarações de ambos escritores aos jornalistas, intelectuais e professores que os assediaram. Síntese dessas opiniões pode ser resumida na frase de Sartre sobre a nossa democracia e, ao mesmo tempo, na ditadura que nos envolve.